AS MULHERES – A MULHER – AS QUATRO FACES DE NARCISO

Nelly Valladares (RJ)

Muito se tem dito sobre a questão homossexual. Desde a concepção médica de "desvio mental" (cod. 302.0 – INPS) até "sem-vergonhice de quem não tem domínio sobre si próprio". Verificando vasta bibliografia, vimos que as opiniões são contraditórias, a aceitação social recheada de preconceitos fazendo com que a discussão do tema se torne sigilosa como se ele não fizesse parte, desde os mais remotos tempos, da existência humana.

Quando Platão, em *O Banquete*, levantou as questões do amor, incluiu a do reacionamento homossexual como uma de suas formas. Atribuindo à deusa Uranos a condição de inspiradora e protetora do amor entre pessoas do mesmo sexo esclarecia que "os órgãos vão numa direção e o cérebro em outra, ficando a alma feminina encapsulada no corpo masculino". Isto possibilitou ao cientista Karl Heinrich Urichs denominar de uranismo o estudo por ele encetado em 1860. "A ciência médica teve, então, um papel político fundamental pois coube a ela a separação do que seria homo e heterosexual em campos estanques" (Peter Fry).

No decorrer dos séculos a questão foi levantada em várias áreas do conhecimento humano e aparece freqüentemente na literatura, onde a fomos buscar.

Quando pensamos em trazer a nossa colaboração a este Congresso, ocorreu-nos trabalhar com Guimarães Rosa, em sua obra prima *Grande Sertão: Veredas*, onde o mesmo estabelece a dialética existencial do Ser ou Não-ser sobre sua própria pessoa, refletido em seus personagens. Mais do que nunca a travessia existencial do homem moderno presentifica a trajetória mítica da cultura grega trazendo para a literatura brasileira do século XX a possibilidade de retorno ao passado na perspectiva do presente. É no VIVER que

o homem passa por várias transformações e encontra a germinação do Amor e a possibilidade do Ódio.

Diz Rosa:

> *"O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam". (GS: V p. 20)*

Através de uma linguagem nova (o mito da linguagem que estabelece as regras interpretativas), procurando revitalizar o signo lingüístico, o Autor nos leva a um mundo onde, sob todos os aspectos, se faz presente a sua capacidade inovadora que se tornou marco na literatura brasileira contemporânea.

Assim, não poderia ser diferente sua visão do Amor e do Ódio, quando nos leva a questioná-los não como peças isoladas e opositivas porém como elementos interrelacionados que se completam e se fortificam. Seria a "portmanteau" de sentimentos, se assim nos é permitido denominar tal junção.

Optamos, então, pelas referências ao elemento feminino por nos parecer que o questionamento amoroso em *Grande Sertão: Veredas* é calcado no Amor e na Vingança, no espelho das figuras de Nhorinhá, Otacília e... Diadorim!

> *"... se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pêlo – alegria que foi; feito casamento, esponsal. Ah! a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo...! (GS: V p. 28)*

A configuração da prostituta do sertão, da representação do amor carnal, da Géia – a Mãe-terra acolhedora e fértil, de Afrodite entregando-se total e prazeirozamente ao homem – de tempos em tempos aflorara na memória (mneme) do seu possuidor, o jagunço Riobaldo, como uma lembrança boa. Até sua descendência é marcada pela Moira (destino) pois é filha de Ana Dazuza "uma velha regalada; falada de ser filha de ciganos, e dona advinhadora da boa ou má sorte da gente."

Depois virá a virgem casadoira, a mulher-moça que encantará o Tatarana com sua meiguice e paciência:

> *"Moça que dava amor por mim existia nos Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda na Fazenda Santa Catarina. Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu procurava. Otacília, ela queria viver ou morrer comigo – que a gente se casasse".*
>
> *(GS: V p. 42)*

Essa nova Atena-virgem também estará presente quando o chefe Urutu-Branco, no auge das andanças e guerras necessitar de seu amor:

"Mas minha Otacília vinha, em hora tão despentenciada de toda vez a pior. Eu podia requerer amor: – Me dê privavera? Vi tudo indeciso de mim, estarrecido. Otacília era minha noiva, que eu tinha de prezar como minha mulher? Meio de mundo."

(GS: V p. 428)

Riobaldo, o mito do herói predestinado ou um novo Mefistófeles? Chefe sagaz, destemido, que se apresenta aos seus comandados como senhor mas que traz consigo o germe do questionamento hamletiano do Ser ou Não-ser e que faz toda a sua "travessia" em busca da própria essência. Ao atravessar o Liso do Sussuarão Riobaldo e os demais companheiros "descem aos Infernos" como novos Orfeus. Através do ódio de Diadorim, que busca vingar a morte de seu pai, Riobaldo interfere na roda do Destino. É na *anamnesis* (de Mnemósine – Mãe das Musas, filha de Cronos e do Oceano) – a recordação – que firma-se o mito:

"– aquele que é capaz de recordar dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquela que conhece a origem das coisas".

(Mircea Eliade)

É no tempo forte do mito que o homem compartilha da presença dos heróis, através do reencontro. O *Logos* (entendido como linguagem escrita) ratifica o Mythos (a tradição oral). Eros e Tanatos reunidos para apresentar o andrógino DIADORIM, o hemafrodita que reúne *anima e animus* yunganos, na *Coincidentia Oppositorum* onde a origem divina da alma procura seu retorno final à unidade da qual foi desapossada.

Movido pela forma original de Eros – impulso e complementação – o Bem e o Mal se unem pela sedução, fascinação, luminosidade, amabilidade de DEO e aterroriza, inquieta, assombra, hostiliza pela lugubricidade de DIA. Deus e o Diabo – travessia.

E, então, Narciso se mostra facetado, tripartido, acompanhado por ECCO e, por força da Moira, anjo da Vingança e da morte. Nas águas purificadoras do rio (o rito de iniciação), acontece o primeiro encontro entre Riobaldo e Reinaldo – O Menino – *puer aeternus* que é deus da vida, da morte e da ressurreição, o deus da juventude divina que abre os caminhos da existência e do futuro. Foi através dele que Riobaldo encontrou-se com a natureza pródiga ribeirinha, com as vertentes do ri e sua vegetação e flores, aprendendo a respeitar, desde então, a coragem e a bravura demonstradas pelo efebo de olhos verdes e gestos gentís:

"Mas eu olhava esse menino, com um parecer de companhia, como nunca por ninguém eu tinha sentido. Sentí, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo".

(GS: V p. 81)

Com o decorrer do tempo, agora já adultos, voltam a encontrar-se os jovens de então, imbuídos de outros traçados no percurso existencial, no jogo perigoso da vida e da morte através dos sertões. Bando de jagunços e forças policiais em eterno litígio, batendo-se em nome da justiça que, diferentemente, era aclamada. Mais uma vez Riobaldo, agora apelidado O Tatarana – de duros pelos – pode apreciar a posição destacada de Reinaldo.

> *"Um ou dois, dos homens, não achavam nele jeito de macheza, ainda mais que pensavam que era novato... De repente, tudo foi um ão e um cão mas, o que havia de haver, eu já sabia... Oap... O assopro de um refugão e Diadorim entrava de encontro no Fancho-Bode, arrumou não nele, meteu sopapo: – um safano nas queixadas e uma sebarba – e calcou com o pé e se fez fúria. Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se encurvou por cima: e o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encontrado no gogó da parte de riba para se cravar deslizado com bom apoio, e o pico em pelo, de belisco, para avisar do gosto de uma boa-morte; era so se soltar que, pelo peso, um fato se dava."*
>
> *(GS: V p. 124)*

Esta face de Narciso, a Atena-guerreira, o jagunço temido e destemido era a apresentada ao mundo como do valente que se faz presente. O espelho convexo e sua imagem deformada.

A segunda face, Diadorim, a face oculta de todos mas revelada ao amigo:

> *"Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é o meu apelativo... pois então: o meu nome verdadeiro é Diadorim... guarda este meu segredo*
> *(GS: V p. 121)*

É esse amigo, que se empareda na gruta de sua identidade como moderna Antígona, e que se lança todo na vingança da morte de seu pai, Joca Ramiro, que faz da vida de Riobaldo a grande "travessia" do querer e do poder onde o querer acolhe a doçura do amor e o poder repele esse mesmo amor maldiçoado pelas leis da natureza e dos homens. Um homem não deve amar outro homem, de amor carnal, sensual:

> *"De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?*
>
> *(GS: V p. 374)*

E eis aí o espelho côncavo onde a imagem invertida embaraça o entendimento e a razão.

Por fim, a terceira face de Narciso – Deodorina – a mulher:

> *"Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente.*
>
> *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo o mais por muito amor, sem gozo de amor.*
>
> *Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci.*
>
> *Vivei, Diadorim era mulher, com o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu solucei meu desespero"*
> *(CS: V p. 86, 458, 453, 454)*

Eva (o amor carnal), Isolda (o amor-paixão) e Maria (o amor espiritual), a trfptico Reinaldo / Diadorim / Deodorina, as três faces de Narciso que ao se contemplarem mutuamente na fonte do ec-sistir se perdem na projeção de si-mesmo.

As três faces em apenas uma. Narciso mirando-se em seus espelhos aquáticos e transformando-se em um só – a flor divina que não podendo ser colhida conserva-se por força da re-cordação.

Vejamos, agora, a quarta face de Narciso, na figura também singular de Stella Manhattan, a heroína/vítima do romance de Silviano Santiago.

Ovídio nos diz, em *Metamorfoses,* que o filho de Hermes e Afrodite ao mergulhar em uma fonte habitada por uma apaixonada ninfa, por ele repudiada, sai das águas marcado pelas maldições da mesma. Sua "praga" é fazer com que ele passe a ter dois sexos simultaneamente tornando-se, então, o Hemafrodita. Assim é Stella.

Estigmatisado em sua própria família ao se tornar clara sua homossexualidade, o jovem Eduardo, nascido no Rio de Janeiro, é enviado por seus pais a Nova Yorque e lá se torna funcionário do Consulado Brasileiro e, também, Stella Manhattan. O romance, de fundo sócio-político nos diz da relação entre pessoas que procuraram asilo nos Estados Unidos, após 1964, mostrando as articulações do núcleo de guerrilha alí estabelecido pelos expatriados, a discussão da cultura brasileira sob esta ótica e o personagem Eduardo/Stella inserido neste contexto.

O protagonista do romance não é possuidor da sobriedade de Diadorim e, travestido, assume integralmente sua máscara feminina:

> *"No banheiro calça as luvas de banho como se fossem de pelica, exibindo para os olhos as mãos. Quer ver se todos os dedos*

tinham se calçado totalmente. Põe a mão direita na cintura em sinal de dúvida por onde começar: pia! banheira, ou vaso? já que bidê não há. Tem ódio de limpar o vaso, ó-dio. Aliás, quando entra no banheiro para a limpeza, fecha a cara, resmunga, e pede ajuda de suas amigas Bastiana, que é pau pra toda obra. Eu? nunca pensa Stella, sou mais é de forno e fogão, como é que vou por minhas mãos angelicais de fada nesta sujeira toda. Cruz-credo ave-maria e se benze todo como que para afastar toda a tentação do sujo".

(SM p. 24)

No corpo oposável de Eduardo/Stella mostra-nos o autor a dualidade do ser humano, na dicotomia de corpo e alma, carne e consciência, necessidade e vontade, macho e fêmea que se juntam no jogo de conflitos que fazem dele o espelho duplo refletindo o verso e o anverso de sua existência.

A temática da repressão política encobre a discussão do impulso sexual do sujeito marcado pelo signo da perversão, sem se importar com o objeto para o qual este se dirige. Desvela-se o reflexo da Fragmentação do homem, da ideologia e do preconceito onde as transgressões transitórias fazem com que os sentimentos se tornem tumultuados e desvairados, causando o desmoronamento da vida de um rapaz que se vê envolvido em uma trama sórdida, tendo, embora, a clara consciência de que a posição pessoal assumida, eticamente considerada libertinagem, somente lhe traria uma vida efêmera e não a paixão partilhada. Seu envolvimento com um "rapaz de programa" vem lhe provar a relatividade de tal situação.

A problemática forma de amor que é escolhida por Eduardo joga-o na ambigüidade de condições onde as regras para estes casos já são socialmente pré-estabelecidas, formando um círculo de fogo onde o seu "eu" vive preso ao seu próprio processo de vivência.

O personagem "dobradiça", na concepção de Francisco Lopes Júnior, nos dá a exata medida do assunto enfocado, onde o homem se perde no emaranhado da teia de suas frustrações.

Na saída mítica dada a Stella – seu desaparecimento sem deixar rastro – o Autor nos alerta para a dificuldade de situar seu personagem na realidade da história e transmuta-o para o realismo mágico onde tudo pode acontecer:

"Domn it" exclama Rickie diante de Marcelo que lhe revela o desaparecimento de Eduardo. "Poor fellow"! você devia me ter dito antes."

"Como, e eu agora virei advinho? Só ontem é que saiu nos jornais.

. . . . . .

"Desapareceu na manhã em que o deixamos de porre em casa... devo ter sido um dos últimos com quem falou.

... Não duvido.

O que é que deu nele? ficou louco, ou o quê?
E dá pra entender essas coisas? O cara pira, é tudo."
(EM - p. 267)

Deodorina, a que foi sem nunca ter sido, Stella a que assumiu por desejar ser. Na busca angustiante do Ser e na re-viravolta do mundo a memória do homem guarda o tempo circular do passado, presentificado pela recordação e propulsionado para o futuro pois o mito nos conta o início das coisas (cosmogonia), a sua perenidade (escatologia) as alterações provocadas pela historicidade e a nova origem do tempo modificado. Silviano Santiago nos aponta a apatricidade do homem, sempre se procurando, e Guimarães Rosa nos entrega seu "prosoema" e lava-nos a questionar com ele as grandes travessias pelas veredas do nosso SER-TÃO.

BIBLIOGRAFIA:

1 - BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Difel, 1978
2 – CAMPOS, Augusto de. Um lance de dês no Grande Sertão. Rio de Janeiro,Revista do Livro, 1959.
3 ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo, Perspectivas, 1972.
4 FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, vol. 2.
5 GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1972.
6 LOPES JUNIOR, Francisco Caetano, *A estória da história: questões da crítica cultural*. Tese de doutorado, PUC, Rio de Janeiro, 1989.
7 NUNES, Benedito. *O dorso do Tigre*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
8 PETER, Fry, et alii. *O que é o homossexualismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
9 ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
10 SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.